

Formas completas e apocopadas no imperativo singular português à luz dos textos

Ildikó Szijj

szijj.ildiko@btk.elte.hu

Universidade Eötvös Loránd, Budapeste (Hungria)

RESUMO. No imperativo singular dos verbos portugueses acabados em *-zer/-zir* encontramos, em algumas gramáticas, duas variantes, uma com vogal temática, p. ex. *faze* e outra apocopada, *faz*, enquanto na língua falada actual é unicamente usada a forma apocopada. Alguns comentários das gramáticas históricas parecem indicar que a forma normativa teve uma evolução cíclica, FACE > *faz* > > *faze* > > *faz*. No artigo, depois de descrever a apócope do *-e* final como regra fonética geral e a apócope na conjugação do português, examinamos as formas do imperativo singular dos verbos acabados em *-zer/-zir* em textos de diferentes épocas. Fazemos algumas observações sobre a relação formal da terceira pessoa do presente do indicativo e do imperativo singular, em que podem actuar duas tendências: a congruência do sistema e a iconicidade.

PALAVRAS-CHAVE. Imperativo singular, apócope, analogia, paradigma verbal

ABSTRACT. Some grammars accept two equivalent forms in the case of the imperative singular of Portuguese verbs ending in *-zer/-zir*, one with a thematic vowel, e.g. *faze*, and an apocopated form, *faz*, while in modern spoken Portuguese only the latter is used. According to some remarks in historical grammars, we can interpret the evolution of the standard form as a process of cyclic change: FACE > *faz* > > *faze* > > *faz*. In this article, after describing the apocope of the final *-e* as a general phonetic rule, and more specifically in Portuguese verb conjugation, we examine imperative singular forms of verbs ending in *-zer/-zir* in texts dating from different periods. Some observations are made on the formal relationship between the third person singular of present indicative and imperative singular, showing two tendencies: one of system congruency and one of iconicity.

KEY-WORDS. Imperative singular, apocope, analogy, verbal paradigm

1 – Introdução

O objectivo deste estudo é examinar alguns aspectos da evolução das formas de imperativo singular que têm uma forma ou variante apocopada, isto é, formas como *diz*, *faz*, *conduz*, etc. Segundo algumas gramáticas descritivas portuguesas a forma do imperativo dos verbos acabados em -

zer/-zir tem -e final, que desempenha o papel de vogal temática, portanto aqui podemos falar de formas completas, p. ex. *dize, faze, conduze*, etc. (Cunha & Cintra 1999: 425-426). Segundo outras gramáticas existem duas formas facultativas: *dize e diz, faze e faz, conduze e conduz*, etc. (Vázquez Cuesta & Luz 1971: 441, Teyssier 1989: 219, 227-228, Gärtner 1998: 76). Finalmente noutras obras aparece unicamente a forma apocopada (Hundertmark-Santos Martins 1982: 264, 323, *Prontuário, Acordo Ortográfico* 2008: 102). Em contrapartida, na terceira pessoa do presente do indicativo os verbos com radical acabado em -z só têm formas apocopadas. Ao mesmo tempo, segundo os informantes nativos a única forma usada hoje no imperativo singular é a apocopada, produzindo-se, portanto, sincretismo entre esta forma e a terceira pessoa do presente do indicativo. As duas formas do imperativo indicadas nas gramáticas chamam a atenção, porque na conjugação portuguesa há muito poucos pontos em que as gramáticas aceitam variantes alternativas.

Descreverei as condições gerais da apócope do -e final na história do português, comparando a evolução das formas verbais (em primeiro lugar os três presentes, indicativo, conjuntivo e imperativo) com a evolução fonética geral. Nesta descrição sintetizo e tento analisar as informações que encontramos nas gramáticas históricas clássicas. Na segunda parte apresento o resultado da minha pesquisa, cujo objectivo é examinar as formas de imperativo dos verbos acabados em -*zer/-zir* em textos portugueses de diferentes épocas.

As gramáticas históricas parecem indicar que se trata duma evolução cíclica na fase moderna da história do português: antes do início do século XX as formas eram essencialmente *diz, faz, conduz*, etc. –isto é, formas apocopadas–, no início do século *dize, faze, conduze*, etc. – formas completas–, e actualmente as formas apocopadas parecem ser as únicas presentes na língua corrente. Esta hipótese baseia-se nos seguintes comentários: “as formas *diz, faz* e *aduz* ainda são usadas coloquialmente” (Williams 1975: 210), onde a frase do linguista parece indicar que na sua época (o manual foi publicado em 1938) se usavam normalmente *dize, faze, aduze*, mas anteriormente as formas mais utilizadas tinham sido *diz, faz, aduz*. Encontramos comentários parecidos noutras fontes, p. ex. Nunes (1989: 325), na parte dedicada aos verbos irregulares, dá as seguintes formas:

“imp. *dize* ou *diz* (pop.), *faze* (pop. e arc. *faz*)” (o manual foi publicado em 1919), onde no caso de *faz* encontramos a mesma observação cronológica que na obra de Williams, pois afirma que a forma apocopada é arcaica. Ao mesmo tempo, tanto Williams como Nunes afirmam que existe/existia uma diferença estilística entre as duas formas, já que as reduzidas eram mais coloquiais ou populares. Outra observação parecida de Nunes (1989: 284): “até as pessoas cultas o omitem [o e] na pronúncia desafectada, dizendo, por exemplo, *faz*, *traz*, etc.”

Devemos salientar que uma dificuldade da pesquisa é que os textos escritos em regra geral reflectem a língua elevada, por isso é difícil ter em conta as diferenças estilísticas. As informações que encontramos nas gramáticas também se referem em primeiro lugar à norma. Isto é, as nossas conclusões serão válidas também, antes de mais, para as formas normativas.

2 – Apócope do -e final

2.1 – Apócope como regra fonética geral e apócope na conjugação verbal

Em português o -e final do latim (vulgar) cai depois das consoantes *l*, *n*, *r*, *s* ou *c* simples (também *t* + *i*od antecedido de vogal), p. ex. SOLEM > *sol*, CANEM > *cam* (> *cão*), AMOREM > *amor*, MENSEM > *mês*, VOCEM > *voz*, -ITIEM > -ez.

Vejamus como é que esta evolução fonética se manifesta nas formas verbais. Na desinência das formas latinas encontramos o *r* final: CANTARE, CANTAVERIM / CANTAVERIT. Como elemento final do radical podemos encontrar todas as consoantes enumeradas: VALET, PONIT, QUAERIT, PENSET, FACIT. Entre os presentes o contexto fonético adequado para a apócope aparece na terceira pessoa do presente do indicativo e no imperativo singular dos verbos da segunda ou terceira conjugação portuguesa, como VALET ou VALE e no conjuntivo dos verbos da primeira conjugação, como PENSET. Também temos um contexto fonético similar no pretérito perfeito simples de alguns verbos irregulares, como POSUIT > **pouse* > *pôs*, FECIT > *fez*. (Também se produz a apócope na primeira pessoa, em que a vogal final era *i* longo, p. ex. FECĪ > *fiz*.) No galego-português, entre os séculos XIII e XVI, parece que as formas apocopadas eram as predominantes, com poucas excepções (Maia 1997: 733).

Neste estudo interessam-nos as formas dos presentes. Segundo as gramáticas históricas no português antigo encontramos formas apocopadas como *perdom*, *empar*; *sal*, *dol*, *sol*, *fer*, *quer*, *pom*, *faz*, *aduz*, etc. (Nunes 1989: 283). *Perdom* e *empar* são formas do conjuntivo, enquanto que as outras podem ser ou do indicativo ou do imperativo (Nunes não especifica o modo). O linguista descreve que “por analogia com a mesma pessoa dos outros verbos” o -e final foi restituído no indicativo e no conjuntivo, nascendo as formas *sae*, *doe*, *soe*, *põe*, *perdoe*, *ferre*, *ampare* e *pese*. Segundo este linguista depois de *l* e *n* finais com a restituição do -e final a consoante ficou intervocálica e portanto caiu, p. ex. *sal* >> *sale* > *sae* (com o sinal >> indico a evolução analógica). Esta explicação parece incerta, já que a restituição teve lugar na última fase do português antigo, em que a queda do *l* e *n* intervocálicos já não era uma regra fonética viva. Parece mais convincente pensar na analogia não da mesma pessoa doutros verbos, mas na segunda pessoa do mesmo verbo, p. ex. *SALIS* > *saes*, e por esta influência *sal* >> *sae*.

Nunes (1989: 284) afirma que dos verbos anteriores se destacam, por um lado, *querer* e *valer*. Segundo o linguista o verbo *querer* “nem sempre conserva” o -e final, mas é aconselhável a forma completa, *quere*, como *ferre*, *tire*, etc., “como faz em geral o povo”. O verbo *valer* continua a manter o *l*, por influência do infinitivo, existindo no presente do indicativo as variantes *vale* e *val*. Sabemos que hoje as únicas formas usadas e que aparecem nas gramáticas são *quer*, forma apocopada, e *vale*, forma completa. Aparece a forma completa *quere* antes de pronome enclítico: *quere-o* (Cunha & Cintra 1999: 431, Teyssier 1989: 230).

O outro caso especial é o dos verbos acabados em *-zer/-zir*. Segundo Nunes (1989: 284) na língua antiga apareciam tanto as formas completas como as apocopadas, mas na língua moderna puseram-se de parte as formas completas, e –segundo vimos– mesmo no imperativo a forma desafectada é a apocopada. Mattos e Silva (1993: 60) também afirma que no português antigo existiam as duas variantes, *faze/faz*, *jaze/jaz*, etc. e no padrão culto fixou-se a forma apocopada, mas ela não fala da diferença entre as formas da terceira pessoa do presente do indicativo e as do imperativo.

Ainda que não se mencionem nas gramáticas históricas, também são formas apocopadas *tem* e *vem*, procedentes de *TENE* e *VENI*. Nestas não se produziu a restituição do -e final.

Uma informação adicional é que no caso das formas apocopadas em verbos com radical acabado em consoante sibilante, antes de pronome enclítico, o -e manteve-se no português antigo. Segundo os exemplos este fenómeno acontecia tanto no passado, como no presente do indicativo e no imperativo: *feze-lhe, feze-o, faze-o* (Huber 1986: 91, Mattos e Silva 1993: 60). As formas actuais são *fez-lhe, fê-lo, fã-lo*. Como já vimos, o único caso semelhante que se conserva na língua normativa é *quere-o*. Ao mesmo tempo, na língua popular a vogal pode aparecer também depois duma forma verbal acabada em sibilante: *traz-i-o* (Vázquez Cuesta & Luz 1971: 56).

Vejam os verbos concretos acabados em *-zer/-zir*. Segundo o *Dicionário Inverso do Português* trata-se, por um lado, dos verbos *dizer* < DICERE (e verbos com prefixo: *predizer, condizer, etc.*), *fazer* < FACERE (e verbos com prefixo ou compostos: *refazer, satisfazer, etc.*) e *aduzir/conduzir/produzir/seduzir, etc.* (formados com prefixo a partir de DUCERE). Os verbos latinos DICERE, FACERE e DUCERE tinham o imperativo singular irregular: DIC, FAC, DUC, mas as formas apocopadas mencionadas, *diz, faz, aduz, etc.* vêm de formas analógicas regularizadas, FACE, DICE, ADDUCE (Williams 1975: 222, 227-228). Os seguintes verbos no latim não tinham forma de imperativo irregular, mas em português têm também forma apocopada: IACERE > *jazer: jaz*, PLACERE > *prazer: praz*, *TRACERE > *trazer: traz*, LUCERE > *luzir: luz* (e verbos com prefixo ou compostos: *circunjazer, aprazer, retrazer, reluzir, etc.*). Por outro lado, o verbo *COCERE > *cozer* (e verbos com prefixo ou compostos: *recozer, malcozer*), que tem também a terminação *-zer*, apresenta unicamente forma completa: *coze*.

Entre os verbos acabados em *-zer/-zir* os mais frequentes são *dizer* e *fazer*. Vejam as formas de imperativo singular que aparecem nas gramáticas históricas. De DIC e FAC nascem *di* e *fã* (Williams 1975: 210, 227-228), enquanto que de DICE e FACE procedem *diz* e *faz*, que têm as variantes analógicas *dize* e *faze* (Williams 1975: 227-228, Nunes 1989: 325-326, Coutinho 1976: 307). A gramática do português antigo de Huber (1986: 227) dá formas um pouco diferentes: para *dizer* unicamente indica a forma *di*, proveniente de DIC, e para *fazer* as formas *faz (fã)* e *faze*. Entre as variantes não aparece portanto a forma *diz* (nem *dize*).

2.2 – Diferença entre indicativo/imperativo e conjuntivo e entre indicativo e imperativo

Observemos a lista já mencionada de formas apocopadas de Nunes (1989: 283): *perdom, empar; sal, dol, sol, fer, quer, pom, faz, aduz*, etc. Entre os exemplos só temos duas formas de conjuntivo da primeira conjugação, *perdom* e *empar*, ao passo que os outros exemplos são verbos da segunda ou terceira conjugação, e a forma que aparece é ou do modo indicativo ou do imperativo. Isto chama a atenção, porque a primeira conjugação é o tipo mais frequente, que contém o maior número de verbos; porém, na lista aparecem dois únicos exemplos deste tipo morfológico. Williams (1975: 172) escreve claramente que na primeira conjugação a apócope teve lugar em “poucos verbos em expressões exclamativas”, que podem parecer frases mais ou menos fixas. Ele também dá o exemplo de *perdon*. Outras pesquisas também mostraram que no presente do conjuntivo da primeira conjugação a apócope é muito rara (Szijj 2005). Por conseguinte, parece que no indicativo e imperativo dos verbos da segunda e terceira conjugações a apócope é muito mais frequente que no presente do conjuntivo dos verbos da primeira conjugação. Dito doutra forma, o indicativo e o imperativo sofrem mais facilmente a evolução fonética regular do que a forma do conjuntivo.

A mesma diferença pode ser detectada também noutros fenómenos, independentes da apócope, p. ex. na ditongação dos hiatos. No português antigo temos formas com hiato como *saes* < SALIS (SALIRE), *moes* < MOLES (MOLERE); *does* < DONES (DONARE), etc. Posteriormente estes hiatos convertem-se em ditongos, mas só no indicativo/imperativo e não no conjuntivo: *saes* > *sais*, *moes* > *móis*, etc., enquanto que se mantém *does*. Comparemos a conjugação actual de dois pares de verbos que se distinguem na vogal temática, isto é, no tipo de conjugação: *doar/doer, soar/soer*. Na segunda conjugação temos os verbos *doer* e *soer*, cujo presente do indicativo (e imperativo) é *dói* e *sói*. Na primeira conjugação temos os verbos *doar* e *soar*, cujo presente do conjuntivo é *doe* e *soe*. Isto é, o presente do conjuntivo, tempo gramatical menos frequente e mais marcado, conserva a forma mais íntegra que o presente do indicativo ou o imperativo. Os segmentos também são diferentes: no indicativo ou imperativo quando o e cai ou forma um ditongo com a vogal anterior, trata-se da vogal temática, enquanto que no conjuntivo o segmento é o sufixo modo-temporal. Vejamos

os dois casos, a apócope e a ditongação: *faz-e* > *faz*, *do-e* > *dói* (de *doer*), onde o segmento é vogal temática; *prez-e*, *do-e* (de *doar*), onde o segmento é sufixo modo-temporal, que se conserva íntegro.

Porém, segundo vimos na introdução, também há ou houve diferença entre a forma do presente do indicativo e do imperativo dos verbos acabados em *-zer/-zir*. Este é o problema que vamos tratar a seguir.

3 – Formas apocopadas e completas do imperativo singular dos verbos acabados em *-zer/-zir* nos textos

3.1 – Dados e análise

Examinámos vários textos portugueses de diferentes épocas, procurámos os casos de verbos acabados em *-zer/-zir* no imperativo singular, para observar se aparece a forma completa ou a apocopada. Além do imperativo singular também tivemos em conta as formas da terceira pessoa do presente do indicativo, observando os casos em que aparece a forma completa, por estes serem excepcionais.

É preciso constatar que, sobretudo nas obras mais antigas, é difícil encontrar formas de imperativo singular, porque nas partes do diálogo a forma de tratamento é principalmente a quinta pessoa. Por isso em algumas obras encontrámos poucas ou nenhuma forma de imperativo singular. Por outro lado, nos textos aparecem poucas formas de imperativo de verbos como *aduzir*, *reduzir*, *conduzir*, etc. Praticamente os únicos verbos que encontrámos são *dizer* e *fazer* e muito poucos casos de *trazer*.

Como corpus utilizei, em primeiro lugar, obras digitalizadas: para o português antigo o *Corpus Informatizado do Português Medieval* e para obras posteriores em primeiro lugar a *Biblioteca Digital Camões*. O *Corpus Informatizado do Português Medieval* tem uma lista das formas verbais dos textos, mas esta ainda não é completa, por isso não a tive em conta.

As obras consultadas concretas são: para o português antigo *Demanda do Santo Graal*, *Crónica Geral de Espanha*, para o século XVI obras de Gil Vicente, para o século XVIII poemas de Bocage, e para o século XIX obras de Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Antero de Quental e Júlio Dinis. (Na obra de certos autores não aparecem as formas que me interessam, p. ex. Diogo Bernardes, António Vieira.)

Na *Demanda do Santo Graal* encontramos as seguintes formas de imperativo singular: *dize* (título 634, fólho 17d), *di* 7 vezes (49/16b, 325/109d, 467/164b, 471/155c, 527/167c, 531/168a, 608/183b), *faze-me* 3 vezes (52/17c, 53/18a, 570/176a), *faze* 5 vezes (184/66c 2 vezes, 389/130a, 487/160a, 535/168d) e aparece uma vez a forma apocopada *faz* (608/183b): *faz o que te roguei*. Isto é, a forma apocopada só aparece uma única vez (*faz*), a forma completa 9 vezes (8 vezes *faze*, 1 vez *dize*) e no caso de *dizer* aparece como forma predominante *di*, procedente da forma irregular latina DIC. No indicativo aparecem quase exclusivamente *diz* e *faz*, com um número muito elevado de ocorrências, com uma excepção (*dize* 52/17d). Na *Crónica Geral de Espanha* encontramos menos formas, mas estas parecem indicar a mesma tendência: *dize* (637/252a), *dizelhe* (637/252a), *faze* (286/108b duas vezes, 450/189a, 520/215a, 705/195v); aparece *di* uma vez (201/80d). A forma do indicativo é *diz* e *faz* (excepto um caso de *faze* 37/16b). Pode-se concluir, portanto, que nas duas obras medievais as formas apocopadas *diz* e *faz* quase não aparecem, as formas predominantes são *di* (*dize*) e *faze*. (Para o imperativo singular de *trazer* não encontramos nenhum exemplo em nenhuma das duas obras.)

Nas obras de Gil Vicente as formas do imperativo são também *dize* e *faze*. O imperativo singular de *dizer* e *fazer* aparece 9 vezes: *faze fogo* (*Auto da Índia* 19), *desfaze toda essa cama* (*Auto da Índia* 18), *dize, filho da cornuda* (*Auto da Barca do Inferno* 27), *faze aquela poja* (*Auto da Barca do Inferno* 3), *faze-lhe essa prancha...!* (*Auto da Barca do Inferno* 29), *dize, que dizias?* (*Farsa de Inês Pereira* 17), *faze-o por amor de mi* (*Farsa de Inês Pereira* 20), *faze o que t'encomendou* (*Farsa de Inês Pereira* 30), isto é, encontramos 8 formas completas, enquanto o único caso de forma apocopada é: *diz' lá* (*Monólogo do Vaqueiro* 4, duas vezes).

Na obra digitalizada de Bocage encontramos: *dize-lhe* (*Elegias* 2), *traze-me hum ai* (*Mágoas* 3), *faze-me ditoso* (*Pavorosa* 5), (*dize* indicativo num caso *Virtude* 21). Por causa das poucas formas encontradas, analisei também o primeiro volume das obras completas de Bocage (*Opera Omnia, Sonetos*). As formas de imperativo são as seguintes: *desfaz as trevas* (20), *faze que mereça [...]* (24), *satisfaz o teu desejo* (39), *me dize, pois que [...]* (65), *faze, em sinal de próxima bonança [...]* (79), *dize-lhe que do tempo [...]* (81), *faze o que te digo* (96), *dize bem do cigarro* (116), *traze-me lume já* (116),

faze um prodígio mais (183). Dos 13 casos temos 2 formas apocopadas e 11 completas, isto é, as completas são as predominantes. Com pronome enclítico aparece a forma completa.

No corpus do século XIX as obras de Eça de Queirós pareceram-nos as mais interessantes, porque nelas aparecem com maior frequência as formas apocopadas, mas encontramos paralelamente formas completas. Provavelmente existe uma diferença estilística entre as duas variantes, o que nem sempre é fácil provar, por causa das condições gerais do imperativo singular: as formas aparecem sempre nos diálogos, na fala duma pessoa que trata a outra por tu, isto é, o contexto é obviamente coloquial. Por outro lado parece que podemos detectar também outras circunstâncias que influem, em parte, na distribuição das formas. Vamos detalhar as formas encontradas em dois romances: *Os Maias* e *O Crime do Padre Amaro*. Além da forma verbal indico o eventual pronome enclítico e também algumas das palavras seguintes para ver a construção em que a forma verbal se encontra.

Os Maias: *diz-lhe que já [...]*, *diz-lhe que se tiver um pequeno [...]* (p. 27), *diz ao Vilaça* (52), *diz tu aqui* (62), *dize-me uma coisa* (111), *diz-me outra coisa* (162), *dize-me uma coisa* (177), *dize cá* (179), *dize-lhe que se não faça tola [...]* *diz-lhe que peço eu* (190), *diz-me uma coisa* (194), *dize-me cá* (211), *dize, sabes [...]* (293), *anda, dize... [...]* *dize... (293)*, *dize-me cá* (313), *dize-me uma coisa* (320), *diz ao Domingos* (336), *diz-me ao menos que [...]* (341), *dize, onde [...]* (342), *diz que vou ter [...]* *dize, deixa ver [...]* *dize... (342)*, *diz-me uma coisa* (351), *dize tu um dia* (379), *dize, queres?* (386), *diz ao Sr. Ega* (391), *dize que me guardem [...]*, *dize que me guardem tudo* (392), *dize lá* (402), *dize que me perdoas, dize só que não me odeias [...]* *dize primeiro* (412), *dize lá* (415), *dize, quando queres?* (417), *dize, conta* (419), *dize lá* (429), *dize lá* (446), *dize lá* (532), *dize alguma coisa* (533), *dize-lhe que não estou aqui* (545), *dize!* (545)

faz-me isso (411), *faz uma grande sinfonia* (577)

traz o caldo (392), *traz* (395), *traz-me umas queijadas* (521)

O Crime do Padre Amaro: *dize alguma coisa* (18), *dize se não te parece* (60), *dize, sacerdote* (63), *dize, homem* (94), *diz aqui ao tio* (100), *diz-lhe* (114) *dize* (115), *dize-lhe* (131), *diz tudo, diz tudo* (132), *anda, diz, que te dou [...]*(132), *dize lá* (138), *dize cá* (139), *dize cá, dize cá* (173), *dize à Sra. Carlota* (181)

faz que ele goste (45), *faz o que quiseres* (67)

traz-me luz (38), *traz-me o artigo* (59)

Na terceira pessoa do presente do indicativo aparecem sempre as formas *diz*, *faz* e *traz*. A forma do imperativo singular do verbo *dizer* é muito mais frequente que a de *fazer* e *trazer*, e no caso dos dois últimos verbos as poucas formas que encontramos são todas apocopadas. As formas do imperativo singular dos três verbos aparecem no total 67 vezes, 26 vezes a forma apocopada, 41 vezes a forma completa, que é portanto a mais frequente. Um critério importante é se a forma aparece com pronome enclítico. Encontramos este caso 20 vezes. 12 vezes aparece a forma apocopada, 8 vezes a completa. A afirmação já mencionada de Huber, segundo a qual antes de pronome enclítico aparecia a forma completa, nesta época já não parece ser certa para a língua normativa. No resto dos casos a tendência que podemos detectar é que a forma apocopada aparece quando na frase depois do verbo segue o complemento, o que implica que na entoação não há pausa. Vejamos os exemplos: *diz ao Vilaça* (OM 52), *diz ao Domingos* (OM 336), *diz que vou ter...* (OM 342), *diz ao Sr. Ega* (OM 391), *faz uma grande sinfonia* (OM 577), *traz o caldo* (OM 392), *diz aqui ao tio* (CPA 100), *diz tudo... diz tudo* (CPA 132). Num exemplo depois do verbo aparece o sujeito: *diz tu aqui ao Sr. Vilaça* (OM 62). Os dois únicos exemplos em que a forma apocopada aparece antes de pausa são *anda, diz, que te dou...* (CPA 132), *traz* (OM 395). Ao mesmo tempo a forma completa também aparece antes de complemento: *dize que me guardem o caldo, dize que me guardem tudo* (OM 392), *dize que me perdoas, dize só que não me odeias* (OM 412), *dize alguma coisa* (OM 533), *dize alguma coisa* (CPA 18), *dize se não te parece* (CPA 60), *dize à Sra. Carlota* (CPA 181), *faz que ele goste* (CPA 45), *faz o que quiseres* (CPA 67) e antes de sujeito: *dize tu um dia* (OM 379). Encontramos ainda a frase *dize primeiro* (OM 412), também sem pausa. Antes de pausa, excepto nos dois exemplos já mencionados, aparece a forma completa: *dize, sabes onde...* (OM 293), *anda, dize... dize* (OM 293), *dize, onde é...* (OM 342), *dize, queres?* (OM 386), *dize, quando queres?* (OM 417), *dize, conta* (OM 419), *dize* (OM 545), *dize, sacerdote* (CPA 63), *dize* (CPA 115). Podemos comprovar a diferença com e sem pausa quando na fala dum protagonista, em frases que se sucedem, aparecem duas formas de imperativo de dizer: *diz que vou ter duas cabrinhas [...] dize, deixa ver [...] dize...* (OM 342). Encontramos mais um caso sistemático: quando é seguida pelo advérbio *cá* ou *lá*, formando

uma locução, aparece sempre a forma verbal completa: *dize cá* (OM 179, CPA 139, CPA 193, duas vezes), *dize lá* (OM 402, OM 415, OM 429, OM 446, OM 532, CPA 138). Portanto, tendo em conta as estruturas, podemos dizer que antes de pronome enclítico ou antes dum complemento ou outro elemento que se liga sem pausa à forma verbal, aparece tanto a forma apocopada como a completa, numa proporção semelhante; antes de pausa e na locução *dize cá/lá* praticamente só encontramos a forma completa. Provavelmente também há diferenças lexicais: só encontramos 5 formas de imperativo singular do verbo *trazer* e 4 com o verbo *fazer*, mas em todos os casos aparece a forma apocopada.

Ao mesmo tempo, na medida do possível, devemos ter em conta as diferenças estilísticas, já que os comentários das gramáticas históricas sugerem que, pelo menos no início do século XX, a forma apocopada era mais coloquial. É um factor que nem sempre é fácil analisar. Como já dissemos, a forma da segunda pessoa é, por definição, coloquial. Na situação concreta da fala no romance pode influir a identidade da pessoa que fala, a do interlocutor, a das outras pessoas que estão presentes, a intenção do interlocutor ou o contexto do diálogo. Em certos casos podemos afirmar que o valor estilístico não influi na forma, porque na mesma frase encontramos uma forma apocopada e outra completa: *dize-lhe que se não faça tola [...]* *diz-lhe que peço eu* (OM 190), nos dois casos com pronome enclítico. Ao mesmo tempo, há algumas situações bem especiais. Assim n' *O Crime do Padre Amaro* quando o cónego fala com a Totó, a menina incapacitada, ele diz: *diz tudo... diz tudo... anda, diz, que te dou...* (CPA 132). É uma situação muito coloquial, por causa da relação dos dois interlocutores e a intenção da pessoa que fala, que quer obter informações da pessoa a quem se dirige. Como vimos na parte das estruturas gramaticais, esta é a única frase em que *diz*, forma apocopada, aparece antes de pausa (nas duas primeiras ocorrências do trecho também aparece a forma apocopada, mas antes de complemento). Podemos tentar procurar outras diferenças estilísticas. N' *O Crime do Padre Amaro* encontramos *diz-lhe* e *dize-lhe*, com pronome enclítico. A primeira forma aparece no seguinte trecho: *E olha! gritou-lhe ainda de cima da escada. Diz-lhe que se fez tudo o que se pôde [...]* (114) Fala D. Josefa à Amélia, num tom amável, a gritar, antes de a Amélia sair. Podemos pensar que esta situação é mais coloquial do que a seguinte: *Vá,*

cumprimenta o senhor cônego, disse Amélia, começando logo, com uma caridade desacostumada, a compor a roupa da cama, a arrumar a alcova. Dize-lhe como estás... Não te faças amuada! (131) Aqui fala a Amélia à Totó, na presença do pároco, e tenta ser amável para ela não revelar as visitas secretas.

Um pequeno indício das diferenças estilísticas pode-se detectar também na obra de Antero de Quental. Nos poemas dele aparecem sempre as formas completas: *dize-me* (*Primaveras românticas* 24), *dize tu* (*Primaveras românticas* 52), *dize-me então* (*Primaveras românticas* 85), *faze sombra* (*Primaveras românticas* 27), *faze um templo* (*Odes modernas* 22), *faze espada* (*Sonetos* 49), *faze um templo* (*Sonetos* 112); enquanto que numa carta, em que trata a outra pessoa por tu, aparece uma vez a forma apocopada: *diz-lhe que o considero* (*Textos doutrinários e correspondência* 263); noutro caso ele usa a forma completa: *dize-lhe que sempre me lembro* (*Textos doutrinários e correspondência* 276).

Noutras obras do século XIX a distribuição das formas é menos interessante, porque não há tanta variação como na obra de Eça. Assim Júlio Dinis em *Uma Família Inglesa* e *Os Fidalgos na Casa Mourisca* usa quase exclusivamente as formas apocopadas, com ou sem pronome enclítico: *diz* aparece 36 vezes, *faz* 9 vezes, enquanto que *dize* aparece só 2 vezes: *dize-me uma coisa* (*Os Fidalgos na Casa Mourisca* 19), *dize*, e *vamos lá* (*Os Fidalgos na Casa Mourisca* 131). Na obra *Viagens na Minha Terra* Almeida Garrett usa 9 formas apocopadas e só 1 completa: *dize-o tu* (p. 160). Camilo Castelo Branco em *Amor de Perdição* usa 5 vezes *diz*, 2 vezes *dize*, 3 vezes *faz*. São poucas formas, assim é difícil compará-las com as de Eça, mas vemos as mesmas tendências: antes de pronome enclítico aparecem as duas variantes: *dize-lhe* (p. 38), *dize-me* (46), *diz-lho* (48), *diz-me* (59 duas vezes), e nos restantes dois casos *diz* aparece sem pausa: *diz a teu pai* (48), *diz tu, Teresa* (109). Em *A Queda dum Anjo*, pelo contrário, só usa as formas completas, em 7 casos, também sem pausa: *dize aos lavradores* (124), *dize-me tu, prima* (132), *dize a verdade* (135), *dize-me quando queres* (135), *dize lá a essa gente* (150), *faze-te a senhora* (106), *faze o que o teu bom juízo te sugerir* (150).

3.2 – Conclusões

A nossa hipótese inicial, segundo a qual entre a forma apocopada e a forma completa teria havido uma evolução cíclica, hipótese baseada nos comentários das gramáticas históricas, não foi comprovada, em parte porque é difícil encontrar formas de imperativo singular nos textos. As obras consultadas parecem indicar que a linha de evolução é linear e não cíclica. No português antigo aparecem as formas *di/dize* e *faze*, e as formas completas continuam nas obras de Gil Vicente e basicamente nos poemas de Bocage. No século XIX vemos a coexistência das duas formas. O critério de uso pode ser o valor estilístico, mas também há circunstâncias sintáticas que parecem influir na distribuição das formas. Na língua de Eça de Queirós vimos que a forma apocopada aparece ou com pronome enclítico ou antes de complemento ou outro elemento, sem pausa fonológica, e quase nunca antes de pausa.

Do ponto de vista das formas concretas pode ser interessante a forma antiga *di*, procedente da forma irregular DIC do latim. Constatamos uma assimetria nas formas procedentes de DIC e FAC, já que paralelamente a *di* não encontramos *fa* nas obras consultadas. Esta assimetria é semelhante à que existe na evolução do espanhol, onde as formas são *di*, mas *haz*.

4 – Aspectos teóricos do fenómeno

Dois princípios importantes na estrutura dos paradigmas são a congruência do sistema e a iconicidade (para o catalão Pérez Saldanya 1998: 24-25, para princípios gerais Dressler, Mayerthaler, Panagl & Wurzel 1987; Kilani-Schoch 1988; Mayerthaler 1980, etc.). Vamos observar os dois princípios na relação do imperativo singular e da terceira pessoa do presente do indicativo. No que diz respeito ao primeiro princípio – congruência do sistema –, no paradigma dos verbos regulares portugueses existe sincretismo entre a terceira pessoa do presente do indicativo e o imperativo singular. Esta relação sistemática das duas formas poderia influir também na sorte do imperativo: por analogia dos verbos regulares a forma do imperativo poderia igualar-se à da terceira pessoa do presente do indicativo. Por outro lado, o segundo princípio – a iconicidade – significa que nos paradigmas verbais existe a tendência geral de os elementos menos marcados no conteúdo serem

menos marcados também na forma. No nosso caso concreto, do ponto de vista da forma, o elemento menos marcado seria o apocopado, em que não está presente a vogal temática. Entre as duas formas que nos interessam a forma semanticamente menos marcada é a terceira pessoa do presente do indicativo (Croft 1990: 93, Dressler et alii 1987: 48), mas o imperativo tem também carácter não marcado (Croft 1990: 93). Em muitas línguas o imperativo é a forma mais curta do paradigma, por não ter desinência (Langendonck 2007: 404, Mayerthaler 1980: 31). A explicação concreta é discutida: segundo alguns o imperativo é uma forma semanticamente não marcada (Langendonck 2007: 404), ou apresenta uma forma breve por razões pragmáticas (Mayerthaler 1980: 31).

Os dois princípios – congruência do sistema e iconicidade – têm consequências diferentes: seguindo o primeiro as duas formas seriam iguais, respeitando o segundo haveria diferença entre elas. Esta duplicidade manifesta-se em português: a forma do indicativo é apocopada (*diz, faz, conduz, etc.*), enquanto que o imperativo na fase mais antiga da língua tinha a forma completa, o que indicaria que o imperativo é mais marcado do que o indicativo, mas hoje tem forma homónima à do indicativo, respeitando o princípio da congruência do sistema. (Em espanhol a relação das duas formas é a contrária: indicativo *hace, pone, sale, etc.* imperativo *haz, pon, sal, etc.*, enquanto que o imperativo do verbo *decir* é *di < DIC.*)

Observemos ainda que a forma da terceira pessoa do presente do indicativo e a do imperativo se igualam, mas não a favor da forma completa (*faze, dize, conduze, etc.*), o que seria a regularização total e com isso a congruência do sistema seria respeitada ao máximo, mas a analogia é exercida pelo presente do indicativo, forma básica do paradigma.

REFERÊNCIAS

- d'Andrade, E. 1993. *Dicionário Inverso do Português*. Lisboa: Cosmos.
- Coutinho, I. de Lima 1976. *Pontos de Gramática Histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Croft, W. 1990. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, C.; Cintra, L. F. Lindley 1999. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.

- 15ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dressler, W. U.; Mayerthaler, W.; Panagl, O.; Wurzel, W. U. (Eds.) 1987: *Leitmotifs in natural morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Huber, J. 1986. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Gulbenkian.
- Hundertmark, M. T. Santos Martins 1982. *Portugiesische Grammatik*. Tübingen: Niemeyer.
- Gärtner, E. 1998. *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen: Niemeyer.
- Kilani-Schoch, M. 1988. *Introduction à la morphologie naturelle*. Bern: Peter Lang.
- Langendonck, W. van 2007. Iconicity. In: Geeraerts, D.; Cuyckens, H. (Eds.): *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: University Press.
- Maia, C. de Azevedo 1997. *História do Galego-Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- Mattos e Silva, R. V. 1993. *O português arcaico, Morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- Mayerthaler, W. 1980. *Morphologische Natürlichkeit*. Wiesbaden: Akademische Verlagsgesellschaft Athenaion.
- Nunes, J. J. 1989. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 9ª ed. Lisboa: Clássica Editora.
- Pérez Saldanya, M. 1998. *Del llatí al català. Morfosintaxi verbal històrica*. València: Universitat de València.
- Prontuário, Acordo Ortográfico* 2008. Porto: Porto Editora.
- Szjij, I. 2004. Apócope e restituição do -e final nas formas verbais portuguesas. *Medioevo Romano* **XXVIII**, 300-307.
- Williams, E. B. 1975. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Teyssier, P. 1989. *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Vázquez Cuesta, P.; Luz, Mª A. Mendes da 1971. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.

OBRAS ANALISADAS (segundo o corpus utilizado e em ordem cronológica)

Demanda do Santo Graal, Crónica Geral de Espanha

(Corpus Informatizado do Português Medieval, <http://cipm.fcsh.unl.pt>)

Gil Vicente: *Auto da Índia, Auto da Barca do Inferno, Farsa de Inês Pereira, Monólogo do Vaqueiro*

Manuel Maria Barbosa du Bocage: *Elegia, Improvisos, Mágoas Amorasas de Elmano, A*

- Morte de D. Inês, A Pavorosa Ilusão, Queixumes do Pastor Elmano, Contra a Falsidade da Pastora Urselina, A Virtude Laureada* Eça de Queirós: *Os Maias*
Camilo Castelo Branco: *Amor de Perdição, Maria Moisés, A Queda dum Anjo*
Júlio Dinis: *Uma Família Inglesa, Os Fidalgos na Casa Mourisca*
Almeida Garrett: *Viagens na Minha Terra*
Antero de Quental: *Primaveras Românticas, Odes Modernas, Sonetos, Textos doutrinários e correspondência*
(Biblioteca Digital Camões, <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html>)
Eça de Queirós: *O Crime do Padre Amaro* (<http://bibvirt.futuro.usp.br>, fonte: 12ª edição, Ática São Paulo, 1998)
Manuel Maria Barbosa du Bocage: *Opera Omnia I, Sonetos*. Bertrand, Lisboa, 1969